

A CONSTRUÇÃO DO SABER

Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas

Christian Laville
Jean Dionne

Revisão técnica e adaptação da obra:

Lana Mara Siman

Professora da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora
em Didática da História pela Université Laval.

EDITORA
UFMG

Reimpressão 2007



1999

O Percurso Problema-Pergunta-Hipótese

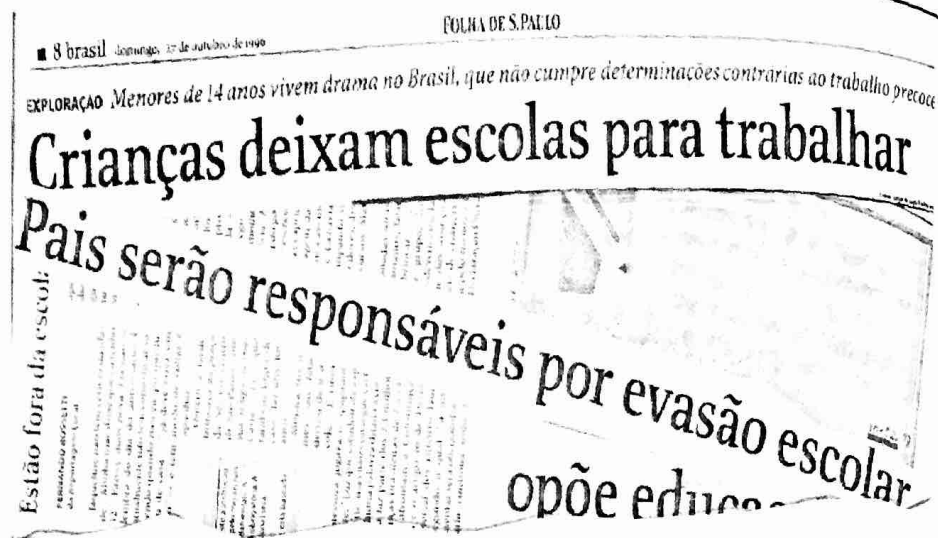
O pesquisador conscientizou-se, portanto, de um problema. Essa consciência lhe veio de seu meio de vida, observado através de seu quadro pessoal de referência. Sua percepção do problema se inscreve, portanto, em uma problemática pessoal, uma problemática que, no princípio, é, muitas vezes, vaga e sentida mais do que consciente e racional. Logo o pesquisador se dedica, então, à construção de uma problemática racional. Em outras palavras, após ter se conscientizado de um problema, tenta, como indicava o diagrama na apresentação desta parte (página 84), “torná-lo significativo e delimitá-lo”, “formulá-lo em forma de pergunta”, para finalmente “elaborar uma hipótese”. Desse modo, desenha-se para o pesquisador um procedimento operacional objetivando a continuidade de sua pesquisa.

O presente capítulo trata, portanto, dessas operações que conduzem da *problemática sentida* à *problemática racional* e que passam geralmente pelo que se costuma nomear a *revisão da literatura*.

Sublinhamos que para o pesquisador, segundo sua própria experiência, tais operações de primeira importância são de uma certa complexidade e amplitude. Se se trata de um pesquisador experimentado, este abordará tais operações tendo em mente conhecimentos adquiridos e um instrumental metodológico já testado. Pelo contrário, se se trata de um pesquisador menos experiente, essas operações requerem mais tempo e esforço de preparação e de aprendizagem, uma aprendizagem que, contudo, tem a vantagem de ser reutilizável.

O “BOM” PROBLEMA, A “BOA” PERGUNTA

Retomemos nosso exemplo do pesquisador que se inquieta com a elevada taxa de evasão escolar no Brasil. Disso faz seu problema de pesquisa. É um verdadeiro problema, ninguém duvida! Mas também é um problema vasto. Um pesquisador não pode, muitas vezes, abordar um problema sob todos os ângulos, sobretudo se é um iniciante. Que ângulo então escolher?



Escolher seu ângulo de abordagem

Poder-se-ia, por exemplo, tratar o problema da evasão escolar sob cada um dos seguintes ângulos (sem que, aliás, se esgotem todas as possibilidades, longe disso).

- *O ângulo econômico* – Os alunos evadem porque lhes falta dinheiro? Por que devem trabalhar para viver? Por que seus pais não os ajudam suficientemente? Por que resistem mal aos apelos do consumo? Por que desejam sua independência econômica sem demora?
- *O ângulo social* – Os alunos vivem em um ambiente de evadidos? A que grupos pertencem? São isolados? Seu ambiente familiar valoriza os estudos? Recusam o mundo da competição?
- *O ângulo psicológico* – Como os evadidos se percebem? Possuem uma imagem positiva de si mesmos? Experimentam um sentimento de fracasso? Com o que se identificam? O que valorizam? Encontram obstáculos intelectuais ou afetivos na aprendizagem escolar?
- *O ângulo pedagógico* – Os conteúdos e os métodos de ensino são convenientes para os evadidos? São eles alunos que se aborrecem na escola, que prefeririam aprender de outro modo? Que relação estabelecem entre a formação escolar e o mundo do trabalho?
- *O ângulo histórico* – Que vida escolar tiveram? Pode-se determinar em seu passado sinais anunciadores de evasão? Existem na realidade escolar fatores que surgiram e poderiam explicar a evasão? A evasão é mesmo um fenômeno novo? Possui características novas?...

Problema e perguntas: uma ilustração

Resultados das pesquisas realizadas junto ao eleitorado em diferentes regiões do país — e publicados nos dias cinco (5) e sete (7) de dezembro de 1989 pela *Folha de São Paulo* — nos possibilitam situar o movimento que vai de um problema em direção à questões de pesquisa.

Quando das eleições presidenciais de 1989, após o debate pela TV entre os candidatos Fernando Henrique e Luiz Inácio da Silva, pesquisadores da DataFolha quiseram saber sobre a repercussão do debate no eleitorado, um problema que se apressaram em tornar operatório por meio de uma série de perguntas.

As questões permitiram não somente identificar o ganhador como também o nível de interesse do eleitorado pelo debate em cada região do país: a percepção do desempenho individual dos candidatos por parte dos eleitores e a relação entre os votos dados no primeiro turno com sua opinião a respeito do vencedor do debate.

Os pesquisadores poderiam ainda ter-se interessado em saber se o debate teria provocado mudanças na intenções do voto para o segundo turno.

As duas passagens seguintes do relatório de sua pesquisa publicado em um jornal mostram esse movimento que vai de um problema em direção a questões de pesquisa.

Após o debate, limita-se, com muita frequência, a procurar um ganhador. Ora, o que conta bem mais é conhecer os motivos que fundamentam essa avaliação e as mudanças de percepção que um debate pode suscitar. [...]

[Nossos] questionários foram concebidos para responder às interrogações seguintes: "Quem assistiu ao debate?" "Qual foi o nível de interesse pelo debate?" "O debate modificou a percepção das posições dos partidos sobre as questões determinantes?" "A discussão mudou a apreciação pessoal dos debatedores?" "O debate obteve um efeito sobre as intenções de voto?"

Perguntas orientadas

Assim que um pesquisador deseja circunscrever mais estreitamente um problema é levado a questionar seus elementos, o que, para ele, é um meio cômodo de precisar o problema, reformulando-o em forma de perguntas.

As perguntas do pesquisador são, bem como seu problema, orientadas por seu modo de ver as coisas, pelas teorias de que dispõe, pelas ideologias às quais se filia. Desse modo, sobre o problema da evasão escolar, poderia conhecer e desejar aplicar uma elaborada teoria sociológica chamada reprodução: é uma teoria que, de maneira empírica, mostrou que as classes sociais e seus caracteres se reproduzem, muitas vezes, com suas características iniciais; que, conseqüentemente, no plano escolar, os alunos provenientes de meios operários pouco escolarizados, por exemplo, têm menores chances de finalizarem estudos superiores do que os que provêm de meios mais favorecidos e instruídos. O pesquisador inspirado por essa teoria seria levado a questionar o problema da evasão escolar, principalmente sob o ângulo da origem social dos evadidos, do nível de escolaridade dos pais, da informação escolar recebida pelos evadidos, de suas aspirações e motivações adquiridas... Inspirado por uma outra teoria, o pesquisador questionará provavelmente o mesmo problema sob ângulos diferentes.

As ideologias guiam igualmente o pesquisador. Assim, se este tem uma visão liberal da sociedade, pode aceitar ver a evasão escolar como um efeito natural da concorrência, o que elimina os fracos, seleciona os

Para saber mais sobre essa teoria, sugere-se a leitura de BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Trad. Reynaldo de Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

mais adaptados e os recompensa; ou melhor, em uma perspectiva humanista, pode encarar a evasão como uma questão de desigualdade de chances, para a qual se deve encontrar medidas compensatórias próprias à correção do fracasso, visando a reconduzir os evadidos para a via comum da escolarização.

É conforme o jogo de fatores desse tipo que o pesquisador especifica seu problema, traduzindo-o em forma de uma ou de várias perguntas. Desse modo, se queremos prolongar nosso exemplo de uma pesquisa sobre a evasão escolar, poderíamos imaginar que um pesquisador fosse parar diante de uma das perguntas seguintes:

- É a origem social que faz com que alguns alunos se evadam mais que outros?
- Os evadidos são o produto de um sistema escolar mal adaptado a seu modo de aprender?

Como se vê, as duas perguntas, se se tenta respondê-las, são meios de se procurar compreender o problema da evasão. Uma e outra indicam o gênero de informações que se deverá, em seguida, procurar para que se possa progredir na compreensão. Tratar-se-á certamente de informações diferentes: dados socioeconômicos, no primeiro caso; psicopedagógicos, no segundo. É desse modo que especificar um problema, traduzindo-o em forma de perguntas, traça o itinerário de pesquisa ulterior.

É claro, esse processo que conduz o pesquisador a considerar o problema sob um determinado ângulo, segundo seus conhecimentos, teorias ou ideologias que o animam, faz com que ele tenha o cuidado em se manter deles consciente e a partir deles raciocinar. Quando opta por tal ou tal questionamento, quer saber por quê, sobretudo por estimar que sua escolha deverá ser explicada. É uma das obrigações associadas à elaboração de sua problemática. Voltaremos, neste capítulo, novamente a essa questão (e, mais tarde, no capítulo 9), quando trataremos mais uma vez da objetivação da problemática.

Já se tratou de objetivação nas páginas 42, 43 e 45.

A “boa” pergunta

Durante esta fase da pesquisa, que consiste em precisar seu problema, traduzindo-o em forma de pergunta, e em objetivar sua problemática, racionalizando-a, o pesquisador tem também cuidado para que a pergunta mantida (às vezes várias) permaneça *significativa* e *clara* para ele e para os outros, e que a pesquisa a fazer seja exequível. Vejamos isso mais detalhadamente.

Significativa

A função de uma boa pergunta é ajudar o pesquisador a progredir em sua pesquisa; ela lhe fornece um fio condutor para o desenrolar de seu trabalho, guia-o nas operações futuras. Deve, portanto, em primeiro lugar, deixar que se perceba que o problema por ele traduzido é um problema significativo, o que se pode esperar como solução, quer se trate



da aquisição de conhecimentos lacunares ou de possibilidades de intervenção. Senão, como se disse, não haveria razão para se fazer a pesquisa.

Um verdadeiro problema não resulta necessariamente em uma boa pergunta de pesquisa. É o que acontece com o problema da evasão escolar (que muito já nos serviu!) do qual certamente ninguém duvida de que seja um verdadeiro problema. Seus custos sociais são consideráveis: desemprego, assistência social, falta de mão-de-obra qualificada, de produtividade, de retornos fiscais, etc. Seus custos individuais também o são: insatisfação, marginalização, dependência, redução das capacidades econômicas e da qualidade de vida, perda de mobilidade social, etc. Apesar disso, uma pergunta como "Considerando os custos sociais e individuais da evasão escolar, dever-se-ia estigmatizar os evadidos?" não é uma boa pergunta de pesquisa. É, e pode apenas permanecer, uma questão de opinião cujos critérios de resposta são morais, variáveis conforme os valores adotados. Não conduz à procura de informações que permitiriam melhor conhecer e compreender o problema ou intervir para modificar a situação.

Espera-se, com efeito, da pesquisa uma ou outra dessas alternativas. E ainda aqui é bom pensar em alternativas realistas no contexto social no qual se situa o problema. Exploreemos um outro exemplo, sempre relacionando-se com o problema da evasão escolar, desta vez com o objetivo de preveni-la. Um pesquisador poderia se perguntar: "Destinar

um conselheiro pedagógico para cada um dos alunos em risco ajudaria a prevenir a evasão?”. Um outro poderia interrogar-se assim: “Criar grupos de ajuda entre os alunos em risco ajudaria a prevenir a evasão?”. Ambas são sensatas. Cada uma pode conduzir um pesquisador a imaginar estudos que permitiriam respondê-la. No estado atual e previsível dos recursos de nossa sociedade, entretanto, pode-se imaginar colocar em prática uma resposta positiva à primeira?

Poucas pessoas nisso acreditariam. Uma outra característica de uma boa pergunta de pesquisa seria: se é bom que uma pergunta seja significativa em si mesma, é ainda melhor que seja reconhecida como tal no meio social em que é levantada. Que se inscreva em preocupações já compartilhadas, participe de teorias conhecidas, que possa relacionar-se com outros assuntos de pesquisa e dividir eventualmente seus resultados com outros em uma perspectiva de ampliação do saber, aspectos que representarão sempre um ganho para a pesquisa e o pesquisador.

Esses propósitos não constituem um apelo ao conformismo, mas um apelo ao realismo: no domínio da pesquisa, ser o único a tentar abrir um caminho pode ser um sinal de gênio, mas também de perda no não-significativo. Essas reflexões não são, por outro lado, um convite à não-originalidade; trata-se, sim, de incitar a prática de uma originalidade controlada que, como os demais elementos da problemática, deveria ser o mais estritamente racional possível.

Restará sempre que, para ser significativa, uma pesquisa deve ser original. Não servirá para nada refazer mil vezes o mesmo estudo. Assim, foi numerosas vezes demonstrado, graças a pesquisas bem conduzidas, que se aprende melhor fazendo o que se deve aprender do que simplesmente escutando alguém contar como se faz. De que serviria retomar uma outra vez a demonstração? No entanto, sabe-se que ainda não se obteve muito efeito desta descoberta sobre a realidade do ensino, e que a exposição do professor continua, muitas vezes, a ritmar a aprendizagem concreta dos alunos. Uma interrogação significativa, e por isso mesmo original, referente ao problema poderia abordar, desta vez, as causas da pouca repercussão dessas demonstrações sobre a realidade: seria porque são mal conhecidas? Devido ao peso da tradição, dos hábitos? Por que o sistema escolar se constitui em um obstáculo, estabelecendo restrições materiais, por exemplo? Etc.

Clara

Uma pergunta de pesquisa deve ser clara. Primeiro, para o próprio pesquisador que dela se serve para precisar seu problema e traçar seu itinerário posterior, e, em seguida, para os quais será eventualmente comunicada.

Imaginemos um pesquisador que tivesse chegado à seguinte pergunta: “Como conter o impacto da evasão escolar sobre a sociedade brasileira?”. O que compreendemos lendo-a? Trata-se da evasão no ensino fundamental, no ensino médio, na universidade? Da evasão dos que abandonam os estudos de uma vez por todas? Dos que interrompem provisoriamente seus estudos, mas com a intenção de retomá-los mais tarde? Da evasão psicológica dos que estão presentes em aula, mas indiferentes ao que se passa? E a sociedade? Que sociedade? O problema será abordado

Perguntas significativas

Se uma pergunta de pesquisa não parece significativa, irá se duvidar do valor da pesquisa, como testemunha esta crítica publicada há algum tempo no jornal *Le Devoir*, um jornal canadense. Examinemos o título e as passagens apresentadas a seguir. Esta crítica também testemunha um critério importante sobre a validade de uma pesquisa: o reconhecimento que outros lhe conferem. É natural, com efeito, que o produto da pesquisa seja submetido à crítica.

O esquecimento do senso e do bom-senso

O vocabulário dos adolescentes do Québec, tornado público na semana passada, é o fruto de anos de trabalho e de milhares de dólares [...] para que fosse feita a lista das mais de 11.000 palavras utilizadas pelos alunos das escolas secundárias. Mas por que até aí? [...]

A primeira palavra da lista é "de". Simplesmente. Como em: "De" quem vamos rir exatamente? E ainda, dentre as 10 palavras mais utilizadas: "um", "a" [preposição] e "a" [artigo]. Depois: "comer", "bonito", "água", "casa" e "ninguém".

Que conclusão se pode daí tirar? Que mesmo comendo e bebendo água em casa, nunca há ninguém? Lidos um após o outro, esses termos podem até ganhar proporções de "cadáveres deliciosos", o jogo delirante dos surrealistas. Entre a 41ª e a 45ª posição: "dormir - gordo - eu - calor". Mais adiante: "esporte - perigoso - louco - contente". E mais ainda: "ao - qual - sábio - sopa".

Participando de um programa ao vivo, após a divulgação de seu estudo, na semana passada, o pesquisador preferiu tirar conclusões sentidas uma vez que "trabalho" (21ª) posiciona-se antes de "dinheiro" (40ª): "Os jovens dão menos importância ao dinheiro do que ao trabalho", declarou.

Então o que concluir sobre o fato de "cigarro" vir antes de "paz", "calça" antes de "prazer", "legumes" de "boi", e "guerra" de "Jesus"?

Na tradição hebraica, não se pronuncia a palavra YHVH [Deus] em vão. Se os pesquisadores houvessem estudado o vocabulário da comunidade judaica, teriam concluído que não são religiosos?

O que pertence aos costumes, pelo viés desses estudos, é a idéia que não há qualquer necessidade de se ter uma idéia. Que os fatos são por si só suficientes. Não importando quais, fatos brutos, alinhados como pérolas em um colar.

Querendo reduzir a vida a isso: um conjunto de fatos, tais pesquisas correm o risco de não dizer absolutamente nada. Enterram-se no empirismo, imitam os métodos que seguramente serviram para outros trabalhos, nas ciências exatas, mas que de nada servem quando se trata de questões sociais e sobretudo de educação. [...]

BAILLARGEON, Stéphane. *L'oubli du sens et du gros bon sens*. *Le Devoir*, 19 abril/1993.

Pode-se também notar, no final da passagem, a crítica da perspectiva metodológica que faz o jornalista e se lembrar das dificuldades pelas quais as ciências humanas passaram nos princípios do positivismo. (Rever páginas 32 e 35.)

Cadáver Delicioso: jogo surrealista que consiste em compor uma frase, na qual cada um escreve uma palavra em um papel e o dobra antes de passá-lo ao próximo jogador.

sob o plano econômico da produção? Sob o plano da formação de mão-de-obra ou do desemprego, das medidas sociais de auxílio? E as repercussões, são sentidas em um só plano? Em todos esses planos?... Como se vê, a pergunta é bem ampla: não diz precisamente em qual direção se deve procurar a informação que permitirá respondê-la. É demasiadamente vaga: permite prever, em certa medida, a informação a procurar, embora não com muita precisão.

O pesquisador pode perceber isso e reformular sua pergunta para torná-la mais precisa, em função de um único aspecto em questão: "Será que uma pedagogia moderna poderia aumentar a motivação dos alunos do ensino médio que correm o risco de se evadir?". Já se vê melhor o que acontecerá em seguida, que tipo de informações se deverá obter e onde procurá-las; especifica-se, desta vez, que é no ensino médio, com alunos que ainda não se evadiram, mas correm o risco de fazê-lo. Mas "correm o risco de se evadir", o que significa? Ainda há, portanto, especificações da pergunta que eventualmente devem ser feitas, e certamente no que se refere ao conceito de pedagogia moderna, de motivação. Enfim, o pesquisador deverá, talvez, precisar que, por "correr o risco de se evadir", entende os alunos cujas taxas de ausências ultrapassam uma certa percentagem, que sistematicamente se recusam a fazer os trabalhos solicitados, que recomeçam cursos pela enésima vez, por exemplo; por "pedagogia moderna", especificará que, talvez, se devesse entender uma pedagogia individualizada da aprendizagem através de tarefas práticas; por "motivação", que se trata da vontade de efetuar com sucesso as tarefas em questão... Desse modo, progressivamente, objetivando cada elemento de sua pergunta, irá torná-la mais operacional, ou seja, mais apta a, em seguida, guiá-lo na direção das informações úteis.

De fato, essa operação de objetivação, que principia desde a conscientização de um problema, segue até além da formulação da hipótese. Ela indica que se sabe bem onde ir e ajuda a prevenir as más surpresas no meio do caminho, um pouco como esses jogadores de carta que se asseguram, antes da partida começar, que todos dão os mesmos valores às cartas.

Por vezes, como nas cartas, o sentido dos conceitos utilizados é bem conhecido, porque são de uso corrente e amplamente admitido, o conceito de mãe, por exemplo. Mas, mesmo em tal caso, deve-se ter atenção: os conceitos de mãe biológica e de mãe adotiva, em uma determinada pesquisa, poderiam ter que ser especificados.

Em outros casos, os conceitos são construídos com palavras de uso comum, mas seu sentido não é necessariamente o usual: assim, por exemplo, o conceito de país em via de desenvolvimento, que sabemos englobar muitos países que justamente não estão em desenvolvimento, ou o de operários especializados, utilizado para operários não especializados; ou conceitos como (partido) progressista-conservador, (partido) revolucionário-institucional, cujos termos são contraditórios. Ou ainda um conceito como o de danos colaterais, surgido durante a Guerra do Golfo, em 1989: como adivinhar através das palavras que se trata de bombardeios que, errando seus alvos, atingiam populações civis? Para sabê-lo, deve-se tê-lo aprendido.

Numerosos conceitos científicos são desse tipo e ganham um sentido preciso por convenção. Pensemos no conceito de coronelismo, um neologismo surgido na década de 30 (formado de coronel mais o sufixo ismo), criado para designar de forma geral certas práticas políticas e sociais próprias do meio rural e pequenas cidades brasileiras. Para compreendê-lo, deve-se aprendê-lo. Pelo contrário, não se poderia compreender uma pergunta de pesquisa assim enunciada: "Quais são as manifestações de práticas coronelistas nas últimas eleições regionais no Brasil?"

Para clarificar conceitos utilizados por vários campos das ciências humanas pode-se ler, entre outros, o *Dicionário de ciências sociais*, organizado por Benedicto Silva, publicado pela FGV, Rio de Janeiro, 1986.

Onde estas práticas ainda persistem?" Pode-se dar outros exemplos: o conceito de globalidade para especialistas em comunicação, de modo de produção, em economia política, de relação de parentesco, em antropologia, de impotência adquirida, em psicologia, etc. Poder-se-ia continuar listando-os por muito tempo.

Os conceitos são termos utilizados para compreender e se compreender. Daí o fato de que o esforço visando a tornar clara uma pergunta de pesquisa consiste, em boa parte, em objetivar seus conceitos.

Exeqüível

Uma pergunta de pesquisa clara contribui para a exeqüibilidade de uma pesquisa, mas não a garante automaticamente. O pesquisador, por outro lado, deve se assegurar de que dispõe dos meios para fazer a pesquisa avançar; deve poder obter a informação que pede a pergunta e, para isso, dispor de tempo, dos instrumentos e, às vezes, do dinheiro necessários para recolher essas informações e tratá-las. Pode parecer supérfluo lembrá-lo, mas, com freqüência, esses fatores sobrecarregam a realização da pesquisa.

A exeqüibilidade de uma pesquisa pode também depender da disponibilidade dos dados. Se se trata de obtê-los por meio de sondagem, dispõe-se dos meios técnicos para escolher e reunir os informantes, gravar suas respostas e tratá-las? Se se trata de uma pesquisa em arquivos, são acessíveis, volumosos, estão classificados? Se o estudo supõe o acompanhamento de uma determinada população, poder-se-á fazê-lo durante o tempo de que se dispõe? Se se deve fazer uso de computador, ter-se-á os aparelhos necessários, os meios de gravar os dados, os programas apropriados? Se se deve deslocar-se para as entrevistas, pode-se fazê-lo nos momentos convenientes? Dispomos de meios de transporte?... É claro, deve-se também se preocupar com que a pergunta de pesquisa considerada não provoque problemas éticos, como foi dito nas páginas 62 e 63.

Assegurar-se da exeqüibilidade da pesquisa é, portanto, considerar as diversas dificuldades práticas que pesam na coleta das informações. Precisemos que, habitualmente, tais dificuldades são mais pesadas para o pesquisador iniciante do que para o que, graças a sua experiência, sabe melhor como prevê-las. O iniciante tem, logo, interesse em lhe consagrar uma atenção particular. Limitar a envergadura de sua pesquisa lhe parecerá, talvez, um pouco frustrante, mas, em contrapartida, pode permitir que proceda com mais segurança às aprendizagens de base da metodologia da pesquisa.

REVISÃO DA LITERATURA

Para o pesquisador, vir a precisar seu problema em forma de pergunta e, posteriormente, formular uma hipótese implica uma sucessão de operações visando a circunscrever a pesquisa desejada, a objetivar as coordenadas e as intenções, definir suas modalidades teóricas e práticas. Trata-se sempre, com efeito, da racionalização da problemática. Com a refle-

O pesquisador feliz

Em nossa mitologia cultural, o pesquisador é, por vezes, o professor Pardal dos quadrinhos Disney: um homem perdido em seus problemas científicos, apaixonado por seus trabalhos, um pesquisador feliz. Não é sem sentido; efetivamente, o pesquisador pode ter grande prazer com sua pesquisa, ter muita satisfação com o caráter criativo e de independência de espírito que, muitas vezes, ela permite. Mas isso supõe que se assegure não apenas de que sua pergunta de pesquisa tenha em si mesma interesse — seja significativa, disse —, mas também de que seja interessante para ele do princípio ao fim. Pois a pesquisa é com frequência longa, raramente sem dificuldades: o pesquisador assim para ela consagrará mais facilmente seu tempo e seus esforços, e daí retirará satisfação, caso seu interesse seja mobilizado; e isso é particularmente importante se a pesquisa é feita em equipe.

Não se deve esquecer, todavia, de que o interesse é cultivado, e que o fato de adquirir novos conhecimentos, descobrir novos problemas, é, muitas vezes, acompanhado por interesses igualmente novos.

O tempo, o tempo...

Outra consideração prática. A pesquisa leva tempo, especialmente suas etapas de racionalização da problemática e de coleta da informação, e, em particular, quando, por falta de experiência, não se sabe bem prever e enquadrar essas operações. Para suas primeiras pesquisas, o estudante terá interesse em bem considerar o fator tempo quando da definição de seu projeto (um trimestre dura apenas um trimestre!). Este livro considera: no que concerne à realização de um trabalho de pesquisa, encontram-se aqui mais sugestões recorrendo-se à concepção do projeto do que a sua detalhada realização, o que permite, por outro lado, todas as aprendizagens fundamentais em metodologia.

xão pessoal do pesquisador e eventualmente algumas trocas com outros, a realização da revisão da literatura é certamente o que mais contribui para essas operações.

Fazer a revisão da literatura em torno de uma questão é, para o pesquisador, revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir em sua pesquisa. Nela tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual. Aproveita para tornar ainda mais conscientes e articuladas suas intenções e, desse modo, vendo como outros procederam em suas pesquisas, vislumbrar sua própria maneira de fazê-lo.

Nessa etapa da pesquisa, o pesquisador deve estar atento para não perder de vista duas coisas. Primeiro, a revisão da literatura refere-se ao estado da questão a ser investigada pelo pesquisador. Não se trata, para ele, de se deixar levar por suas leituras como um cata-vento ao vento. O pesquisador tem um centro de interesse — sua pergunta —, que jamais deverá perder de vista. Nem sempre é fácil, sem a experiência que vem de numerosas leituras anteriores. Sobretudo se, por essa razão, sente necessidade de uma visão de conjunto e de um bom distanciamento em relação à sua pergunta, o que é normal. Sugerimos então proceder como com um *zoom*, partir de uma tomada ampla de sua pergunta, sobre um espaço documental que a ultrapasse grandemente, mas sem dele desviar os olhos e, assim que possível, fechar progressivamente o ângulo da objetiva sobre ela.

Depois, segundo elemento que não se deve esquecer: a revisão da literatura não é uma caminhada pelo campo onde se faz um buquê com

todas as flores que se encontra. É um percurso crítico, relacionando-se intimamente com a pergunta à qual se quer responder, sem esquecer de que todos os trabalhos não despertam igual interesse, nem são igualmente bons, nem tampouco contribuem da mesma forma. Deve-se fazer considerações, interpretações e escolhas, explicar e justificar suas escolhas.

Uma outra coisa que se deve considerar: quando começar a fazer a revisão da literatura? Não antes de ter delimitado bem a pergunta. Senão, corre-se o risco de se deixar levar e, até, de se perder na enorme e sempre crescente soma das fontes de pesquisa. Aquele que deseja progredir com eficácia na compreensão de seu problema de pesquisa tem interesse em saber bem o que procura exatamente, antes de iniciar sua revisão da literatura. Isso não impedirá, de qualquer modo, reorientações durante o percurso, se necessário.

Uma última consideração: raros são os problemas sobre os quais ninguém se tenha jamais debruçado, raras são as perguntas que ninguém jamais se fez. A natureza humana não é, nesse ponto, diferente de um indivíduo para outro; em uma mesma civilização, as interrogações e os questionamentos se encontram, mesmo que as perspectivas possam diferir. É raro que a respeito de um assunto de pesquisa não se possa achar em outros qualquer coisa de útil, mas se deverá, por vezes, seguir a informação como um detetive procura pistas: com imaginação e obstinação. É, aliás, esse aspecto do trabalho, agir como um detetive, que, com frequência, torna prazerosa a realização da revisão da literatura.

Guias bibliográficos

A documentação do pesquisador consiste principalmente em livros e artigos; mas também pode ser de relatórios de pesquisa não publicados, teses, enciclopédias e dicionários especializados, resenhas de obras, inventários de diversas naturezas... Numerosos instrumentos bibliográficos existem para guiar o pesquisador por essa documentação. Vejamos quais são eles, partindo do geral ao particular.

Bibliografias gerais de referência

As bibliografias gerais recobrem amplos conjuntos de disciplinas e de áreas do saber. Dão atenção particular aos instrumentos de referência, isto é, às obras que, em um determinado campo, podem fornecer indicações de fontes específicas. O *Guide to Reference Books* de Sheehy, que compreende seções gerais e seções por disciplina ou campo disciplinar, é um exemplo.

Bibliografias gerais em ciências humanas

Construídas no mesmo espírito que as precedentes, essas bibliografias recobrem conjuntos menos vastos de campos disciplinares, aprofundando-se mais nos campos disciplinares específicos, sempre enfatizando as obras de referência, como no *Social Sciences Reference Sources* de Li.

Advertência...

"Advertência" é uma palavra que se escreve, às vezes, no começo de um texto científico para advertir o leitor sobre fatos úteis a sua boa compreensão. É esta a intenção das considerações que se seguem.

Uma volta completa. Quando faz sua revisão da literatura, o pesquisador experiente rapidamente seleciona os trabalhos pertinentes, sobretudo se trabalha com um problema que já pertence ao seu campo geral de pesquisa. Conhece, de fato, um certo número de fontes próprias a seu domínio e sabe onde encontrar outras. O que possui pouca experiência deve circunscrever as fontes relativas ao seu problema de pesquisa, partindo do mais longe e ultrapassando amplamente o domínio preciso de sua pergunta. É bom proceder como se fosse um funil, indo de fontes gerais a fontes próprias ao domínio da revisão da literatura, que, por sua vez, sugerem fontes ainda mais estreitamente relacionadas à área do estudo; o processo se desenrola um pouco como uma reação em cadeia.

Esse encaminhamento um pouco longo (sobretudo na primeira vez) tem, entretanto, uma vantagem, a de divulgar a variedade das fontes de informação e dos instrumentos que servem para localizá-las: é uma aprendizagem que se faz uma vez e que, como andar de bicicleta, nunca mais se esquece. O estudante que seguirá seus estudos terá múltiplas ocasiões de se servir dessa aprendizagem.

As bibliotecas. As bibliotecas não são igualmente equipadas. Pode acontecer, portanto, que não disponham de certos instrumentos documentais e de serviços dos quais trataremos mais adiante. Contudo, nós os incluímos em nosso inventário para melhor garantir o conjunto das aprendizagens de base, sabendo que, posteriormente e em outras circunstâncias, oportunidades de consultá-los irão se apresentar, especialmente na continuidade dos estudos.

Em várias regiões do país é possível freqüentar bibliotecas universitárias e ter acesso ao seu acervo, sobretudo às obras de referência, mesmo sem ser um usuário inscrito. Não se deve, por outro lado, negligenciar o recurso a certas grandes bibliotecas públicas.

O inglês. A língua inglesa é hoje a *língua franca* da pesquisa. Deve-se acostumar com a idéia de usar muito a língua inglesa, caso se deseje fazer com seriedade a revisão da literatura. No entanto não se pode negligenciar o esforço que tem sido feito para traduzir as obras de maior importância nos diferentes campos do conhecimento, facilitando assim aos pesquisadores o acesso ao que há de novo no saber além de nossas fronteiras.

LÍNGUA FRANCA
Língua auxiliar que serve para comunicação de pessoas de línguas diferentes.

O saber prévio. Fazer uma revisão da literatura pressupõe um saber técnico que é, de um modo ou de outro, anterior à aprendizagem, mas indispensável. Tem-se, por exemplo, o uso da ficha. Para lembrar dessas técnicas, usaremos, se necessário, uma obra sobre os métodos do trabalho intelectual como a de Severino, Antônio Joaquim Severino, *Metodologia do trabalho científico* (São Paulo: Cortez, 1994).

O bom conhecimento da organização e do uso de uma biblioteca é igualmente indispensável (essa aprendizagem também se faz uma só vez: as bibliotecas são organizadas semelhantemente). Assegurar-se-á de bem conhecer: 1) o sistema de recuperação da informação, o modo de acesso ao catálogo público (por meio de fichas, microfichas, terminal de computador), e especialmente o acesso por nome de autor, título ou seja, coleção de livros, teses e periódicos; 2) a composição do acervo, em coleções, aos usuários (entre outros as visitas orientadas), os serviços de divulgação das novas aquisições (estantes de exposição, por exemplo) e os de circulação de documentos (principalmente se dispõem de empréstimos entre bibliotecas). Enfim, buscar conhecer todos os serviços e recursos disponíveis e os instrumentos que os regulamentam e definem, entre outros, o acesso, o pagamento e/ou a gratuidade, e as punições disciplinares.

Manuais, como o de Antonio Joaquim Severino, compreendem geralmente um capítulo sobre a pesquisa documental.

O apêndice A, "Fontes documentais em ciências humanas". Este livro traz nesse apêndice uma longa lista das principais fontes de informação em ciências humanas. A ele nos referiremos conforme a necessidade, pois, logo em seguida, serão dados alguns exemplos dos tipos de fontes, sem descrevê-los em detalhes, porém apresentando, por tipo, as fontes de informações mais relevantes em nível nacional e internacional. Apontam-se também as limitações referentes à produção brasileira de obras de referência.

Bibliografias gerais por disciplina

Construídas no mesmo espírito, essas bibliografias centram-se em uma disciplina ou um campo disciplinar e nele se aprofundam ainda mais; em várias, os artigos juntam-se aos livros. Eis aqui dois exemplos: o *Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira*, do INEP, e *A Geographical Bibliography for American Librarians*. Muitas vezes tais guias, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, consideram as fontes que se aproximam de seu campo principal de preocupação.

Bibliografias temáticas

Designamos assim uma bibliografia que se relacione a um tema ou a uma determinada questão. Fazer uma lista exaustiva dessas bibliografias é praticamente impossível. Mas existem compilações, como a *Mulher brasileira: bibliografia anotada*, publicada em 1979, pela Fundação Carlos Chagas.

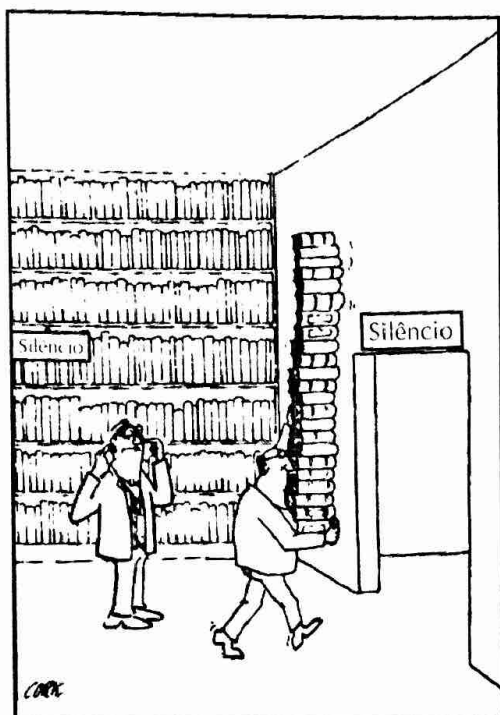
Dicionários e enciclopédias

Não se trata aqui de dicionários de línguas, mesmo se estes permanecem indispensáveis ao pesquisador, nem de enciclopédias gerais, como a *Encyclopædia Universalis* ou a *Encyclopædia Britannica*, que tampouco devem ser colocadas de lado, mas de enciclopédias especializadas consagradas a uma disciplina ou a uma determinada área do saber, como o *Dicionário de ciências sociais*, da Fundação Getúlio Vargas, ou a *International Encyclopædia of the Social Sciences*. Tais obras apresentam artigos substanciais (de várias páginas às vezes) que fazem a revisão da literatura sobre uma determinada matéria (conceitos, teorias, objetos de estudo...). Esses artigos são acompanhados por referências bibliográficas selecionadas e indicam outros artigos sobre temas afins, que teriam igualmente interesse para o pesquisador. Também existem léxicos ou glossários especializados que oferecem curtas definições dos termos em campos científicos mais ou menos vastos, tal como o *Glossário de tecnologia educativa*, de Clifton Chadwick, ou o *Dicionário terminológico de Jean Piaget*, de Antonio M. Battro, e ainda *Le Lexique de Sciences Sociales*, de Grawitz. Todos esses instrumentos são de primeira utilidade na objetivação de uma pesquisa, especialmente no que se refere aos conceitos que a ela se relacionam.

Também com frequência, pode-se localizar tais bibliografias procurando a subdivisão "bibliografia" na categoria "assunto" dos catálogos de biblioteca. Exemplo: Evasão escolar — Bibliografia. O mesmo vale para os dicionários, as enciclopédias, os index, os inventários.

Index e inventários

Localizam-se facilmente os livros no catálogo de uma biblioteca. O mesmo não acontece com os artigos de revistas: os nomes de revistas aparecem no catálogo, mas não o título dos artigos. Ora, os artigos são de suma importância para a pesquisa, pois tratam dos trabalhos mais recen-



tes. Daí a utilidade dos index, (por vezes denominados índices) e dos inventários, também conhecidos por repertórios, que deles fazem um levantamento e os divulgam através de longas listas de referências bibliográficas.

Os index e os inventários que reúnem os artigos de revistas também fazem, freqüentemente, o levantamento dos livros, dos relatórios de pesquisa, das teses, por vezes até das comunicações científicas; outros se dedicam às resenhas de obras, às teses e às monografias, aos artigos de jornais, aos documentos governamentais, às estatísticas, etc., em resumo, a quase tudo pelo qual o pesquisador pode se interessar ou do qual pode ter necessidade.

Os index e os inventários são publicações periódicas: mensais, trimestrais, anuais, bianuais às vezes ou ainda mais espaçadas conforme a natureza da informação tratada. Suas listas de referências bibliográficas são classificadas de acordo com uma hierarquia, por vezes complexa, de categorias e de subcategorias. Mas todos fornecem, geralmente na apresentação, seu princípio de classificação e seu modo de utilização. Quanto às menções bibliográficas apre-

sentadas, elas podem ser mínimas (autor, título, nome da revista, data) ou muito elaboradas, com então um resumo da publicação (com freqüência chamado de *abstract*, em inglês), indicações que permitem a procura das publicações afins com o auxílio de palavras-chave, etc.

Acrescentemos que a maior parte dos index e inventários é em língua inglesa — o que, todavia, não os impede de listar revistas escritas em outras línguas —, e que, para neles se achar, é melhor “pensar” em inglês, sobretudo no que se refere às palavras servindo para classificar os artigos pelo assunto.

Artigos

Existem index e inventários de artigos de revista em quase todos os domínios das ciências humanas e sociais. Alguns listam também as teses, os relatórios de pesquisa, as comunicações, se o texto encontra-se disponível. Certos index interessam pelo conjunto das ciências humanas e sociais, tal como o *Social Science Index*, ou por uma ou outra dentre elas, como o *Psychological Abstracts*; muitas vezes então, dentro de um espírito de interdisciplinaridade, apresentam também menções bibliográficas relativas a disciplinas afins. E outros, enfim, especializam-se em um determinado gênero, como o *Women's Studies Abstracts*.

Resenhas

Antes de ler um livro de 400 páginas, muitas vezes se gostaria de saber o que contém e ter uma opinião esclarecida a seu respeito. Para responder a essa necessidade, as revistas científicas publicam resenhas. Re-

Child psychotherapy

See also

Play therapy
Princess of wails [profile of C. Batmanghelidjh, in Innovative therapist in Great Britain] W. Wallace. Il for *Times Educ Suppl* n°4195 p supp3 N22 '96

Child sexual abuse

See also

Child sexual abuse survivors
Accused of sexual abuse: a potential dilemma for physical Educators. J. H. Huber. *J Phys Educ Recreat Dance* v67 p6-7 N/D '96

Gender-specific outcomes for sexually abused Adolescents. J. M. Chandy and others. *Bibl Child Abuse Neglect* v20 p1219-31 D '96

A laureate accused. T. Cornwell. Il por *Times Higher Educ Suppl* n°1253[i.e., n°1254] p17 N 15 '96

Investigation Investigative interviews of alleged sexual abuse victims with and without anatomical dolls. M. E. Lamb and other. *Bibl Child Abuse Neglect* v20 p1251-9 D '96

Suits and claims C.P. v. Township of Piscataway Board of Education (681 A. 2d 105). *West's Educ Law Rep* v112 p293-302 O 31 '96

Confidential agreement in Berkeley sex-abuse case sparks Criticism [case of R. Baugh] M. Walsh. *Educ Week* v16 p9 N 27 '96

Child sexual abuse survivors

Physical and sexual abuse and their relation to psychiatric disorder

and suicidal behavior among adolescents who are psychiatrically hospitalized. Y. Cohen and others. *Bibl J Child Psychol Psychiatry Allied Discip* v37 p989-93 N '96

Psychology

Cycle of abuse and psychopathology in cleric and noncleric molesters of children and adolescents. T. W. Haywood and others. *Bibl J Child Psychol Psychiatry Allied Discip* v37 p1233-43 N '96

Impact of childhood abuse history on psychological symptoms among male and female soldiers in the U.S.Army. L. N. Rosen and L. Martin. *Bibl Child Abuse Neglect* v20 p1149-60 D '96

Child study

See also

Child development
Parent-child relationship
Play
Methodology
Observation
Characteristics of infant child care: factors contributing to positive caregiving. *Bibl Early Child Res Q* v11 n°3 p269-306 '96

Child support See Support (Domestic relations)

Child training

See also

Moral education
Parent-child relationship

Este é um exemplo de index retirado do *Education Index*, publicado pela The H. W. Wilson Company, Nova Iorque.

cherches sociographiques, por exemplo, oferece uma grande variedade por número. Outras revistas são especializadas em resenhas, como *Contemporary Sociology: a Journal of Reviews*. Existem igualmente outras publicações tais como o *Jornal de Resenhas*, do *Jornal do Brasil*.

Teses

As teses são, com freqüência, consideradas como os trabalhos de pesquisa por excelência. Ao pesquisador que invariavelmente se utilizará delas vale ressaltar que é fácil localizá-las e até mesmo obtê-las através de empréstimos ou ainda de microfílmagens, como é freqüente na América do Norte. Catálogos de teses são editados por diversos programas de pós-graduação, por instituições e por entidades científicas, trazendo a referência e, normalmente, um resumo (um exemplo é o CD-Anped que apresenta as teses defendidas nos programas de pós-graduação em educação). O Catálogo do banco de teses do Ministério da Educação e Cultura do Brasil foi publicado até o início da década de 1980.

Jornais

Os index de artigos de jornais são instrumentos ideais de serem achados na atualidade. No que concerne à atualidade internacional, pode-se usar o *New York Times Index* ou o index do jornal *Le Monde*; a menos que se prefira *Facts on File*, que lista semanalmente a atualidade internacional, a partir de 77 jornais (index cumulativos mensais, trimestrais, anuais). Os jornais brasileiros e as revistas de atualidades também possuem seus índices que estão sendo editados em CD-ROM ou estão disponíveis via Internet.

Outros index e inventários

Muitos outros index e inventários existentes poderiam ser úteis ao pesquisador. Assim, os pesquisadores apressados poderiam apelar para *Current Contents*: publicações que reproduzem semanalmente os índices de centenas de revistas recentes ou ainda inéditas. Existe um *Current Contents: Social and Behavioral Sciences* para as ciências humanas.

Também existem index de citações, como o *Social Sciences Citation Index*, que contém o número de vezes que um autor foi citado por outros autores nas revistas científicas (essencialmente de língua inglesa), o que permite se ter uma visão de conjunto das tendências que influenciam a pesquisa.

Encontram-se igualmente inventários de publicações governamentais, como a *Bibliografia de publicações oficiais brasileiras*; de biografias, como os *Who's Who* existentes em numerosos países, inclusive o Brasil (Quem é quem no Brasil); de index de mapas geográficos, de documentos audiovisuais, de inventários de testes, de organismos... Em resumo, a soma de index e de inventários dos quais dispõem os pesquisadores é mais que substancial.

Bancos de dados informatizados

Muitos desses index e inventários estão agora reunidos em bancos de dados. Pode-se consultar esses bancos nas bibliotecas a partir de um terminal de computador (pagando, às vezes, algumas taxas) ou, cada

vez mais, graças às cópias em CD-ROM; pode-se até, agora, consultá-los em casa tendo um computador equipado com um *modem* e acesso a uma rede de comunicação informática, como a Internet. A facilidade de acesso a tais bancos e a soma de informações disponíveis simultaneamente — acham-se reunidas nesses bancos, ao mesmo tempo, as informações de vários anos — fizeram desses bancos instrumentos de pesquisa muito apreciados pelos pesquisadores.

Pesquisa-se neles com a ajuda de *palavras-chaves* — também chamadas de descritores — que são escolhidas visando a cobrir o campo de pesquisa desejado. Essas palavras-chaves podem ser as da língua corrente; fala-se então de vocabulário livre. Ou são palavras escolhidas previamente, cujas listas são fornecidas por longos *tesauros* que acompanham os bancos; também se encontram nos programas de ajuda, em forma de dicionário que se faz igualmente acompanhar dos procedimentos a serem seguidos.

A arte do pesquisador está então em associar essas palavras até que conduzam às informações desejadas. Suponhamos, por exemplo, que nosso pesquisador se interesse pela evasão escolar. Antes de procurar informações nos bancos, já terá especificado um pouco o assunto: a evasão escolar dos meninos no ensino secundário. Trata-se apenas de associar os elementos (conceitos) de seu problema graças à conjunção (por vezes chamados de operadores) “and” ou “e”: evasão escolar e menino e secundário. Obterá, dessa forma, todos os títulos contendo essas palavras ou os artigos para os quais serviram de palavras-chaves.

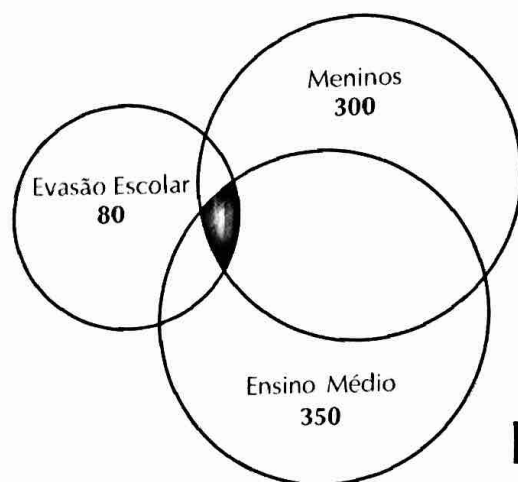
Surgidos apenas há poucos anos, os bancos de dados e as redes informáticas desenvolvem-se tão rapidamente que, desde já, fica difícil imaginar fazer uma pesquisa ou estudos superiores sem deles se servir.

TESAURO Lista de palavras selecionadas para analisar e classificar documentos.



“Por que você não procura no banco de dados local?”

O diagrama seguinte ilustra essa interrogação. Em cada um dos círculos, vê-se o número de referências às quais a palavra-chave conduz quando utilizada isoladamente. Em sua interseção, tem-se o número de referências conservadas quando os três elementos são associados, ou seja, referências que contêm todos os três (os números são arbitrários).



Na interseção dos três: 46 referências.

O operador “and” ou “e” é, portanto, essencial para interrogar os bancos informatizados. Mas no banco pesquisado, o fenômeno da evasão escolar também poderia estar gravado com as palavras “abandono de estudos”; igualmente se poderia utilizar as seguintes palavras: estudante, aluno, adolescente; e para ensino médio: grau escolar, nível médio. Deve-se isso prever e pensar em integrar, agora com o operador “or” ou “ou”, os sinônimos mais plausíveis das palavras-chaves usadas no princípio. A primeira interrogação poderia então se tornar: [evasão escolar ou abandono de estudos] and [menino or estudante or aluno or adolescente] and [médio or nível médio or ensino médio] — o que daria melhores chances de se aproveitar todos os recursos do banco.

Além disso, sobre a questão da evasão escolar, o pesquisador poderia desejar deixar de lado os estudos sobre a evasão nas escolas particulares: poderia então excluí-los acrescentando “exceto setor privado” à sua interrogação. Poder-se-ia então retomar a interrogação precedente, mas a ela acrescentando *not: not* (setor privado), *not* escola particular, *not* colégio particular, por exemplo, para dar conta dessa reserva.

Os operadores “and”, “or” e “not” (em português: “e”, “ou” e “não”) e a capacidade do pesquisador de imaginar ou de achar as palavras-chaves que conduzem à informação desejada são, portanto, os instrumentos essenciais para a eficaz pesquisa nos bancos de dados. Instrumentos aos quais se deve acrescentar o conhecimento do vocabulário inglês, pois a maioria dos bancos disponíveis comercialmente ou via Internet são em inglês.

As referências obtidas variam conforme os bancos. Alguns fornecem apenas uma referência mínima: os dados essenciais de localização

(autor, título, revista, data); outros apresentam ainda resumos de tamanho variável, às vezes passagens do artigo ou do texto em questão; às vezes até permitem imediatamente o recebimento de longas listas, resumos ou textos completos através da impressora, de gravação em disquete ou dos correios.

No.	Records	Request
* 1	1274	explode "RACIAL-DISCRIMINATION"
Record 1 of 1 - ERIC 1992-3/98		
AN: EJ551486		
CHN: UD520204		
AU: Pang, -Valerie-Ooka; Strom, -David; Young, -Russell-L.		
TI: The Challenge of Affirmative Action.		
PY: 1997		
JN: Multicultural-Education; v4 n4 p4-8 Sum 1997		
DT: Journal Articles (080); Reports - Evaluative (142)		
LA: English		
DE: Disadvantaged-Youth; Educational-Objectives; High-Schools; Racial-Composition; Resource-Allocation; Urban-Schools; Urban-Youth		
DE: *Affirmative-Action; *Equal-Education; *High-School-Students; *Minority-Groups; *Racial-Discrimination		
ID: California-San-Francisco		
IS: CIJFEB98		
AB: Explores the challenges of using affirmative action programs when competing groups of underrepresented people vie for limited school resources. The case study of a San Francisco (California) high school illustrates the difficulties of balancing competing goals when affirming diversity and addressing patterns of discrimination conflict with equal treatment of each individual. (SLD)		
CH: UD		
FI: EJ		
DTN: 080; 142		

Um exemplo de resultado de uma interrogação no ERIC

Mas se deve ter muita atenção em relação a esses sistemas de localização da informação científica. Alguns bancos podem fornecer muitíssimas informações: tudo o que está disponível torna-se acessível, sem grande discriminação. Pode-se então chegar a trabalhos (muito) secundários, artigos somente esboçados, comunicações destinadas a explorar o terreno..., correndo-se o risco de se afogar em uma massa de documentos inutilmente numerosos porque pouco selecionados! Na realidade, deve-se lembrar, o artigo que mais interessa é o que o pesquisador, no final de sua pesquisa, terá conseguido publicar em uma revista de renome. Este artigo encontra-se no banco com os outros, mas pode nele se perder entre outros de menor interesse.

Acrescentemos finalmente que em semelhantes discos compactos (CD-ROM), também se acham conjuntos de dados estatísticos, como *Unesco Database*, enciclopédias ou dicionários, tais como o *Grand Robert Électronique*, etc.

Periódicos

Os periódicos são publicações editadas com frequência regular. Entre estes destacam-se as revistas científicas, certos balanços de pesquisa, anuários, entre outros.

Revistas

As revistas científicas são essenciais à pesquisa. O pesquisador sabe que nelas encontrará, cuidadosamente selecionados por especialistas, os artigos que se relacionam com as pesquisas mais recentes. Vê-se nelas habitualmente os problemas de pesquisa considerados, as problemáticas adotadas, os métodos empregados, as conclusões tiradas. As referências bibliográficas e as notas que acompanham os artigos também são ricas fontes de informações; é bom, aliás, chegar às publicações mais antigas através das mais recentes, para assim determinar a filiação das idéias, o fervilhar da pesquisa feita de trocas, de divisão, bem como de debates.

O pesquisador conhece, em geral, as revistas importantes em sua área de interesse e acompanha regularmente sua publicação. Os index e inventários o auxiliam a ampliar suas investigações, se for o caso. Este livro apresenta, no apêndice, uma seleção de revistas comuns em ciências humanas. Mas para conhecer a todas — são alguns milhares — teria que se consultar um index como o *Ulrich's International Periodicals Directory* e seus suplementos.

Balances de pesquisas e anuários

Existem revistas especializadas nos balances de pesquisas. São, em sua maioria, americanas. Quase todas as ciências humanas os possuem: o *Annual Review of Anthropology* e o *Annual Review of Psychology*, por exemplo. Habitualmente essas revistas são publicadas anualmente (como os títulos das precedentes indicam). São dirigidas por uma equipe de redação encarregada de convidar especialistas renomados para prepararem artigos que façam um balanço de alguns aspectos da pesquisa em seu campo. Esses artigos são geralmente acompanhados por referências bibliográficas muito úteis.

Certos *Handbooks* publicados pelas associações profissionais de pesquisadores são feitos com o mesmo espírito: trata-se sempre de fazer, através de uma série de artigos, balances de pesquisas sobre determinadas questões. São publicados, muito regularmente, de cinco em cinco ou de dez em dez anos. Também é o caso, por vezes, dos *Yearbooks* produzidos com os mesmos objetivos e nas mesmas condições, que, apesar de seu nome, normalmente não são publicados anualmente.

Há anuários de todos os tipos. Começando por esses instrumentos importantes de informação que são os grandes anuários nacionais, como o *Anuário estatístico do Brasil*, publicado pelo IBGE. De acesso fácil, esses anuários contêm um mar de dados, estatísticas e outros, sobre os múltiplos aspectos da vida em seu respectivo campo. Em matéria de publicações internacionais, consultar-se-á o *Anuário estatístico da Unesco*.

O pesquisador dispõe enfim de numerosos inventários de organismos, cuja publicação pode ser anual ou mais espaçada, que podem lhe apresentar múltiplas facetas das realidades humanas. Citemos, a título de exemplo, o *Directorio de centros de investigación científica y tecnología en America Latina y el Caribe, España y Portugal*, da Unesco,

e o Catálogo das universidades brasileiras, do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

A PROBLEMÁTICA RACIONAL

Uma vez realizada a revisão da literatura, o pesquisador chega ao fim do primeiro dos dois movimentos principais de um itinerário de pesquisa, o que conduz das interrogações iniciais a uma hipótese. Com efeito, já 1) conscientizou-se de um problema e o traduziu em forma de pergunta; 2) fez uma revisão da literatura para melhor considerá-la: resta-lhe, agora, tirar as conseqüências de seu procedimento inicial: clarificar, precisar e reformular, ainda se necessário, seu problema e sua questão, depois o que antecipa como eventual compreensão e explicação do problema no final da pesquisa, ou seja, sua hipótese.

Para ele mesmo então, mas sobretudo para os outros que gostariam de conhecer o sentido de seu procedimento, o pesquisador o explica, bem como o faz com seus resultados: enuncia sua problemática — a partir de agora racional no final da operação de objetivação que foi conduzida — e o que dela resulta como hipótese.

A problemática racional enunciada

Vejamos o esquema seguinte. A problemática racional é a elaborada no movimento que vai em direção da janela da direita, onde esta se enuncia.



No início da janela da esquerda havia o conjunto dos fatores esparsos — os conhecimentos brutos e construídos, os conceitos, as teorias, diversos valores os animando — que, em função de circunstâncias que se apresentam em seu meio, fazem com que o pesquisador perceba um problema sobre o qual valeria a pena se debruçar.

Esses elementos esparsos, mas em interação, formam seu quadro de referência para a apreensão do problema, sugerindo-lhe um modo de vê-lo — uma problemática sentida —, o pesquisador tentou deles obter

uma visão mais objetiva: examinou-os para melhor estabelecer sua natureza e seu jogo, a fim de aprender mais precisamente e mais profundamente seu problema e as questões de pesquisa que dele resultam. É a longa operação de objetivação que conduz da janela da esquerda à da direita, operação durante a qual o pesquisador analisa as múltiplas facetas (fatuais, conceituais, teóricas) de seu problema, tendo como auxílio a revisão da literatura.

A problemática, finalmente, quando se encontra na janela do meio, evoluiu, talvez tenha se transformado, com certeza, objetivou-se. O problema está agora bem delimitado, seus limites e suas implicações claramente estabelecidos; o pesquisador vê como retornar ao real para verificar se a resposta antecipada (a explicação, a compreensão), sua hipótese, tem fundamento.

Em seu relatório de pesquisa é o conteúdo dessa segunda janela que o pesquisador divulgará; explicará como nele chegou e o que isso implica. Ou seja, enunciará sua problemática racional.

A hipótese

A hipótese, como dissemos, é o ponto de chegada de todo o primeiro movimento de um itinerário de pesquisa. Torna-se, em seguida, o ponto de partida do segundo movimento, indicando a direção a seguir para que se possa resolver o problema de partida, verificar sua solução antecipada.

O procedimento hipotético-dedutivo

Casualmente, é o papel central da hipótese, essa espécie de elo entre as duas vias de um encaminhamento de pesquisa, que faz com que o procedimento de pesquisa em ciências humanas seja denominado hipotético-dedutivo: "hipotético", no adjetivo composto, salienta esse papel central da hipótese.

Na realidade, contudo, a via que conduz de fatos pontuais a essa generalização, que é a hipótese, poderia ser chamada de modo mais preciso; e o encaminhamento lógico da outra via não iria necessitar, para ser descrito, dos dois termos do adjetivo composto "hipotético-dedutivo". Inspirando-nos no quadro da página 22, como se poderia chamar o tipo de encaminhamento empregado para uma e para outra?

Retomemos o exemplo do pesquisador que se preocupa com a evasão escolar. Seu encaminhamento até aqui o fez ver claramente o problema, delimitá-lo, privilegiar um determinado aspecto através de sua pergunta. Imaginemos duas perguntas possíveis às quais poderia ter chegado:

- Poderíamos reduzir a evasão escolar suprimindo o trabalho para-escolar remunerado?
- O fator econômico é preponderante entre os fatores que levaram ao aumento da evasão escolar nos últimos dez anos?

Vê-se que uma das perguntas conduz mais a uma pesquisa aplicada, e a outra mais a uma pesquisa fundamental, mas nosso interesse não é

dessa ordem. O que nos interessa é que, implicitamente, uma e outra contêm uma suposição sobre a solução do problema: a primeira, que a supressão do trabalho remunerado paraescolar reduziria a evasão; a segunda, que a medida dos fatores econômicos e outros relativos à evasão auxiliará a compreensão do fenômeno. Essas suposições implícitas são as hipóteses do pesquisador, e suas hipóteses são os elos sobre os quais se articula a seguinte etapa da pesquisa.

A etapa seguinte da pesquisa consiste essencialmente em procurar informações novas, além das que serviram, até o momento, para a definição do problema, para que a hipótese seja verificada. Serão diferentes conforme a hipótese formulada e o objetivo visado através dela.

Efetivamente, a primeira hipótese propõe que seja suprimido o trabalho paraescolar remunerado e que se avalie os efeitos dessa supressão sobre a evasão. A segunda conduz à procura de informações sobre fatores econômicos e outros, hoje em dia e há dez anos, para que se julgue seu respectivo peso sobre a evasão.

Mas o que se entende exatamente por "trabalho paraescolar remunerado"? Cinco horas e vinte horas por semana equivalem? Trabalhar em sua área de estudo ou não?... Quanto aos fatores econômicos, quais são eles? E os outros fatores? Como perceber os sinais de sua influência?... Ainda aqui, como para a pergunta de pesquisa, para tornar uma hipótese de pesquisa operacional em função de sua continuidade, faltam algumas precisões a fazer. Isso supõe uma outra operação de clarificação dos conceitos sobre os quais a pesquisa se fundamenta, do que será tratado na terceira parte do manual.

Portanto, o pesquisador enuncia sua hipótese. Para as que nos serviram de exemplo, as formulações seriam certamente diferentes. Desse modo:

- *Para a primeira*, suprimindo-se o trabalho paraescolar remunerado, o índice de evasão diminuirá.
- *Para a segunda*, o fator econômico pesa mais que outros fatores na evasão escolar.

Mas formulações um pouco secas como essas nem sempre propiciam uma compreensão plena e nuançada do que se trata. Na segunda, por exemplo, os fatores econômicos e os outros fatores em questão podem ser encarados de inúmeras maneiras, tanto no que se refere à sua natureza quanto ao seu jogo. Com freqüência, em um caso semelhante em ciências humanas, julga-se insuficiente a hipótese simples, construída associando-se dois ou um pequeno número de fatores, e se prefere combinar a hipótese com mais explicações, abordá-las de modo mais aprofundado. A hipótese pode então tomar a forma de um texto com vários parágrafos. Assim, para a segunda, o pesquisador poderia querer lembrar a variedade dos fatores possíveis, sublinhar suas inter-relações, precisar em que o fator econômico lhe parece oferecer mais possibilidades de explicação do que outros, e indicar como, conseqüentemente, isso deveria se manifestar. Pois, qualquer que seja a forma dada à expressão da hipótese seu espírito permanecerá, o que se pode resumir nas palavras *se — então: se tal suposição está correta, então se deveria encontrar...*

Qualquer que seja o modo de formulação, a hipótese sempre será necessária para direcionar a continuidade da pesquisa; como afirmou um brincalhão, só se acha o que se procura!

PRÁTICA

PRIMEIRA ETAPA DO TRABALHO DE PESQUISA (II): A PROBLEMÁTICA RACIONAL E A HIPÓTESE

Eis agora o momento de finalizar a primeira etapa do trabalho de pesquisa.

Você já escolheu, após o último capítulo, um problema de pesquisa. Assegurou-se de que se trata de um problema que merece ser estudado, ou seja, que a solução que eventualmente lhe será dada, em matéria de conhecimentos lacunares ou de capacidades de intervenção, melhoraria a situação de partida.

Você vislumbra uma possível solução para esse problema? É nessa direção que nos dirigimos agora: propor uma solução possível, a hipótese, cuja validade será verificada em seguida.

Trata-se, portanto, de, nessa etapa, retomar seu problema e, objetivando-o melhor, preparar o enunciado da possível solução. Provavelmente, sem demora, você achará cômodo reformular o problema em forma de pergunta. Uma pergunta, com efeito, é mais dinâmica, pede mais claramente uma pesquisa, uma ou mais respostas, do que o simples enunciado de um problema.

Sua pergunta, uma vez formulada, é bem clara? Você domina bem as realidades subjacentes aos termos utilizados? Esses termos seriam dominados por todos como por você? Sua pergunta questiona opiniões, preferências, teorias, ideologias? Foi tomada emprestado? Sua pergunta, outros já poderiam tê-la feito, de seu modo ou diferentemente? Foram feitas perguntas semelhantes, ou simplesmente já se debruçaram sobre perguntas que, sendo afins com a sua, poderiam esclarecê-la?...

Como se vê, é chegado o momento de realizar a revisão da literatura relativa à sua pergunta, encontrar e consultar trabalhos capazes de iluminá-la no que concerne ao saber disponível, conceitos e teorias, métodos de pesquisa... Seria, aliás, bom, antes de iniciar essas pesquisas e leituras, elaborar uma lista dos saberes suplementares que você gostaria de considerar.

Não esqueça, por outro lado, de que você não lê pelo simples prazer de ler; não consulta pelo simples prazer de consultar, mas para esclarecer seu problema, sua pergunta, para melhor defini-la a fim de dar seguimento à sua pesquisa: não perca de vista sua pergunta!

Uma vez acabada a revisão da literatura, o mais importante foi realizado. Resta apenas escrever o que disso resulta, anunciando a hipótese que a continuidade da pesquisa irá verificar.

Nesse texto, sem entrar nos detalhes, dever-se-ia encontrar:

- De onde você tirou o problema, em que medida é um verdadeiro problema, em que medida sua solução é desejável e através de que pergunta traduzi-lo de maneira operacional.
- O ângulo sob o qual você deseja abordá-lo; com quais intenções? E, para isso, o que você selecionou de sua revisão da literatura: no plano do saber, disponível e lacunar, dos conceitos, das teorias, se for o caso, das formas de considerar tais problemas. Aí está o essencial de sua problemática racional. Seja crítico!
- A hipótese que você deseja verificar, enunciada convenientemente segundo sua natureza, a do problema e a da pesquisa vislumbrada.

No que concerne à hipótese e a tudo o que lhe precede, não existem regras fixas de apresentação. A lógica comum e as regras comuns de eficácia na exposição devem prevalecer. E a arte de delas se servir, como em qualquer exposição, não deve ser negligenciada.

Quando escrever o relatório de pesquisa?

A parte IV (capítulos 9 e 10) do livro tratará do relatório de pesquisa em seu conjunto. Insistir-se-á mais sobre o que dele se espera, e alguns conselhos serão dados.

Poder-se-ia então preferir ter chegado ao fim de sua pesquisa para escrever seu relatório. Mas a etapa que se finaliza aqui é de suma importância para seu conjunto e sua continuidade. Mesmo se se decide não escrever o relatório em seguida, dever-se-ia, no entanto, destinar um tempo para fazer seu balanço atento e dele tirar as conseqüências. Um plano detalhado, sujeito a alguns reajustes quando da redação final, retirado eventualmente de um sistema de fichas no qual se anotaria o essencial do que foi selecionado, poderia então ser suficiente para fixar as idéias e guardá-las na memória.

Mas se você prefere não esperar, a parte IV já está à sua disposição.

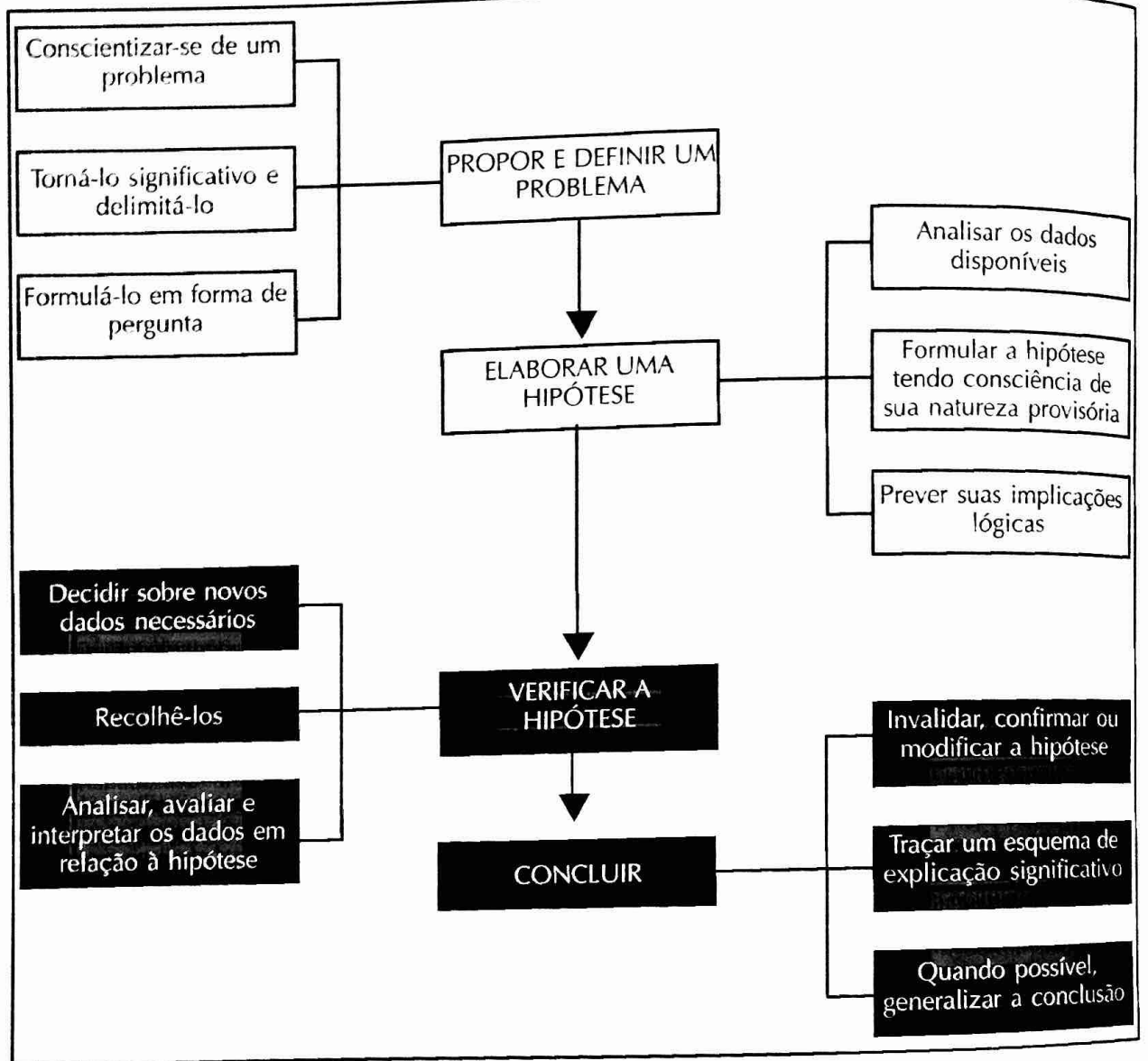
DA HIPÓTESE À CONCLUSÃO

Um longo trajeto já foi percorrido desde a percepção inicial do problema de pesquisa até o enunciado da hipótese, que veio encerrar a primeira vertente do procedimento. O trajeto nessa vertente se mostra sempre o mais delicado da aventura de pesquisa. Um pouco como em uma excursão à montanha onde a ascensão se revela a etapa penosa. Uma vez atingido o cume, a seqüência será mais fácil: dominando a paisagem, nela se está situado de maneira precisa, percebendo melhor o objetivo a atingir e os caminhos que levam a ele. A seqüência das operações decorrerá naturalmente do trabalho já realizado, das decisões tomadas.

A hipótese que veio encerrar o primeiro tempo do procedimento se apresentava como uma resposta plausível, até mesmo provável, para a questão colocada. Essa resposta plausível deve agora ser submetida a uma verificação a fim de saber se resiste à prova dos fatos. É a razão de ser da etapa que se abre e que deve levar o pesquisador da hipótese à conclusão. A parte III do livro é, portanto, dedicada aos mecanismos dessa verificação, que é também uma demonstração do valor da hipótese: suas principais operações estão resumidas na metade inferior do quadro reproduzido na página seguinte.

Emitir um julgamento esclarecido sobre o valor de uma hipótese exige informações sobre as quais apoiá-lo. O primeiro cuidado do pesquisador é então interrogar-se sobre a natureza dos dados necessários à sua verificação e sobre seus modos de coleta. Essas interrogações e suas possíveis respostas serão tratadas no capítulo 6, "As estratégias de verificação", ao passo que, no capítulo 7, "Em busca de informações", destacaremos as exigências práticas, os instrumentos e as técnicas dessa coleta de dados.

Mas a coleta das informações é uma coisa; ver se o que foi reunido mostra bem o que estava previsto é outra: daí a etapa da análise e da interpretação dos dados, que conduzirá à confirmação, ou talvez à modificação ou até mesmo à rejeição, da hipótese, que levará, por último, a novas explicações e à sua eventual generalização. É a esta parte do procedimento de pesquisa, que vai das informações recolhidas às conclusões que delas se pode tirar, que será dedicado o capítulo 8.



Fonte: Inspirado em Barry Beyer, *Teaching in Social Studies*, Columbus (Ohio): Charles E. Merrill, 1979, p. 43.

Uma última observação antes de entrar no cerne do assunto. Ao longo do percurso, vemos delinear-se o papel central da hipótese. Inicialmente explicação plausível, apesar de provisória, que marca principalmente o termo de um procedimento indutivo, originado do problema; torna-se em seguida o ponto de partida de um novo procedimento, preferentemente dedutivo, em que se efetua um retorno à realidade para submeter essa explicação à prova dos fatos. Nesse sentido, ela desempenha bem esse papel de pivô em torno do qual se articulam as duas vertentes da pesquisa, cujo caráter hipotético-dedutivo se sobressai nitidamente aqui. Não seria demais, portanto, insistir sobre a importância de uma hipótese cuidadosamente construída, coração e motor de um procedimento metódico de construção do saber.